

# Roberto Cardoso de Oliveira e a Etnografia da Ciência

*Mara Coelho de Souza Lago*

## Sobre a autora

Mara de Souza Lago é Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. É mestre em Antropologia Social pela UFSC e é Doutora em Psicologia Social pela Unicamp.

O livro mais recente do Roberto Cardoso de Oliveira reúne os trabalhos em que o autor se debruça sobre o pensamento antropológico.

No posfácio do livro, em texto que discorre sobre "A vocação mendisciplinar da Etnografia da Ciência", o autor resume o amadurecimento deste seu pensar sobre a antropologia e a sua proposta de Etnografia da Ciência.

Proposta que já colocou em prática no curso de Antropologia, no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UNICAMP, cuja característica principal é a interdisciplinaridade, presente no próprio processo de seleção dos alunos. Estes provêm de várias disciplinas acadêmicas, direito, pedagogia, sociologia, antropologia, linguística, etc, e a nível de mestrado e doutorado, pretendem realizar a "etnografia" de sua disciplina, sob a orientação de Cardoso de Oliveira e outros professores envolvidos neste processo de refletir sobre os saberes e ofícios acadêmicos.

Faço um parêntese para ressaltar a importância de uma proposta interdisciplinar na academia brasileira, pois, embora teoricamente a discussão sobre o tema já esteja ultrapassada e ninguém conteste o caráter multidisciplinar dos saberes científicos (especialmente na área humana-social), nas práticas acadêmicas do país o que se vê é o oposto, com a delimitação obsessiva dos campos científicos, e a clivagem crescente entre especializações, dificultando a inter-relação e integração do conhecimento.

No texto referido, Roberto Cardoso de Oliveira destaca a contribuição de vários pensadores para suas reflexões sobre a Etnografia da Ciência.

C. Geertz - quando formula as bases para uma "Etnografia do Pensamento Moderno" e compara as comunidades acadêmicas com comunidades camponesas fechadas, com seus membros como "nativos", considerando as diferentes disciplinas mais do que partes fragmentadas do discurso científico, como "modos de estar no mundo" reelaborando, segundo RCO, a relação heideggeriana entre ser e conhecer. Geertz pensando o produto do pensamento como um "artefato cultural", a ser analisado etnograficamente.

G.G. Granger - quando ressalta o caráter meta-disciplinar da História da Ciência, que envolve conhecimento de secundariedade (à medida em que versa sobre símbolos e focaliza teorias), ao lado de seu caráter disciplinar (à medida em que se volta para fatos datados). Segundo Granger, o fato epistemológico "remete a um fato estrutural do campo científico", ao "encadeamento interno dos conceitos" (Cardoso, 1988:162), enquanto os fatos sociológicos são externos. A História da Ciência, que tradicionalmente se voltou para os fatos da

ciência, surgiu marcada pelas polêmicas teoria X prática, internalidade X externalidade, que vão atuar também nas outras disciplinas voltadas para o problema do conhecimento.

**T. S. Kuhn** - que traz a noção de cultura para a História da Ciência. Sua contribuição importante, segundo RCO, foi a de buscar a articulação entre as dimensões interna e externa da História da Ciência, negando a dicotomia internalidade X externalidade.

**P. Bourdieu** - com a noção de "campo intelectual", "extremamente fecunda no que tange à visualização totalizadora de todo um espaço social (interno e externo às instituições culturais) ocupado por produtores e consumidores de bens culturais" (Idem:170). Pela análise, que dá conta da dimensão micro-política (externa) das instituições acadêmicas.

**P. Ricoeur** - com suas reflexões "articuladoras de posições polares que (...) guarda um relacionamento tenso extremamente fecundo" (Idem:174). Quando propõe uma etnografia da ciência enxertada pelo problema hermenêutico sem excluir a abordagem explicativa, RCO se vale de Ricoeur para esclarecer a dicotomia entre interpretação, remetendo às ciências do espírito, e explicação, que remete às ciências naturais. De acordo com Ricoeur, "é o modelo estrutural, inerente à semiologia linguística, que fundamenta a explicação" (Idem:173). Não existe oposição entre interpretação e explicação. A explicação é um momento da interpretação, posterior ao momento da compreensão. Explicação e compreensão estão dialeticamente relacionadas nas ciências interpretativas.

**Aspectos teóricos a destacar na proposta de Roberto Cardoso de Oliveira:**

1. A etnografia da ciência como uma aplicação da etnografia ao pensamento científico, especialmente às disciplinas, como "núcleos mínimos do saber" (Idem:163) na academia.
2. O foco da investigação da etnografia da ciência: o discurso científico (o caráter discursivo do conhecimento) e a intercomunicação do conhecimento entre o público interno da disciplina. "O papel da intersubjetividade na constituição do conhecimento" (Idem:177).
3. O conhecimento (enquanto produto) tomado como fato cultural pela etnografia da ciência.
4. O conhecimento como fato cultural, considerado em sua internalidade e em sua externalidade.
5. A etnografia da ciência com dupla dimensão: disciplinar e meta-disciplinar.

"Se entendermos a etnografia da ciência como o olhar antropológico sobre o chamado saber científico e de maneira a torná-lo como fato cultural, quer em sua externalidade, tanto micro quanto macro, quer em sua internalidade, veremos que tal etnografia se realiza numa dupla dimensão: disciplinar e meta-disciplinar" (Idem:175).

Disciplinar - estudo das culturas científicas particulares (sub-culturas).

Meta-disciplinar - voltada para o reino dos conceitos e noções inerentes a um pensamento domesticado nas disciplinas.

6. A etnografia da ciência como disciplina híbrida. Como a etnografia do pensamento moderno, a história da ciência e demais disciplinas ligadas à questão do conhecimento, a etnografia da ciência se constitui num empreendimento múltiplo, chegando a exigir que seus praticantes, quando originários de outras disciplinas, sejam "ressocializados nos recursos... da investigação etnográfica e da reflexão antropológica" (Idem:176).

7. A etnografia da ciência como disciplina hermenêutica, mas não exclusivamente, tendo espaço para outras abordagens.

"Uma etnografia da ciência, ainda que tenha sido formulada no domínio de uma antropologia interpretativa - como a obra de Geertz e os trabalhos de James Clifford indicam - , não se efetiva única e exclusivamente pelo exercício da consciência hermenêutica" (Idem:174-5).

### Características metodológicas da Etnografia da Ciência:

1. A especificidade da disciplina, marcada pela "observação direta, contínua e intensiva (em suma, o trabalho de campo), aliada a um enfoque totalizador e comparativo" (Idem:172).
2. A especificidade da disciplina marcada também pela questão da "diferença", o fazer da pesquisa da singularidade um acesso ao saber.
- 3.

"...o toque característico da abordagem etnográfica ... está, ao meu ver, no envolvimento total do pesquisador na prática da disciplina investigada, a ponto de tornar-se um 'falante' da linguagem científica veiculada pelos 'nativos' da comunidade da disciplina a par de um compromisso definitivo com a *empíria*, a saber, com o fato cultural, seja ele 'datado' ou 'epistemológico' (Idem:175).

### Considerações finais do autor sobre a Etnografia da Ciência:

1. Os fatos epistemológicos, não datados, são fatos culturais, inseridos em horizontes e tradições identificáveis e, portanto, passíveis de investigação empírica pela etnografia.
2. O discurso como foco privilegiado da investigação, está presente em todas as disciplinas na forma vernacular.
3. Os discursos disciplinares, ocorrendo em níveis diferentes de atualização (verbalização e escritura), podem ser objetos da investigação etnográfica.

O etnógrafo da ciência deve ter conhecimento da "língua nativa" da ciência que vai investigar, além de ter o "olhar antropológico".

#### Referência Bibliográfica

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Sobre o Pensamento antropológico. RJ, Tempo Brasileiro, Brasília, CNPq, 1988.